

# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

#### ARCHITECTURA PORTUGUEZA.

##### I.

Quando para suavisar a tristeza da epoca, em que vivemos, os olhos se voltam para o passado, e o pensamento sobe até aos prodigiosos feitos, que ennobrecem a historia deste povo tão pequeno e tão heroico — sente-se a mais intima relação entre os homens que obraram tantas façanhas, e os monumentos que as consagram. Veja-se a Batalha, erguida á victoria, perto do campo onde se pelejou a grande lucta de Portugal contra Castella; como a sua architectura é elevada e bella! Que magestade respira o templo de D. João I! Contemple-se a antiga Cathedral de Lisboa, quasi collaça da monarchia, e apesar dos adornos bastardos, e das execrecias disformes que a afeiam, note-se como é solemne e grandiosa a primitiva fórma!

Que importam as profanações modernas, e o gosto degenerado dos rebocadores áquelle que sabe ver, que sabe distinguir a singeleza e a crença dos primeiros seculos por entre a alvura emprestada e os ouropeis ridiculos que vestem as abobadas e columnas? Não se despe o coração humano das paixões e dos interesses, que o dilaceram, e um instante solto não sorri ás ingenuas recordações da infancia, não se banha nas illusões da passada innocencia? A imaginação como elle quebrando os moldes, que falsificam a belleza antiga que os ignaros chamam barbara — é que póde estudar em toda a simplicidade a idéa christã, e a expressão da fé severa que inspirou os vencedores do Islam e os soldados de Aljubarrota. Livre como elles só é que os poderá comprehender.

E a fadiga não fica sem premio, quando o que desce ao seio do passado e o sabe interrogar soletta ás vezes na pagina de marmore dos monumentos a palavra que se apagou da tradição popular. Estudando a architectura entre os antigos e modernos povos, e observando o estilo peculiar e o gosto diverso de cada nação, o espirito duvida e pergunta a si mesmo como sendo um só o bello o traduziram as diversas raças

do globo de tantas maneiras. Qual será pois a chave que abre o sanctuario da arte para revelar o motivo desta immensa variedade?

E muitos homens doutos e reflectidos cogitaram nisto, interrogando os monumentos dos seculos que foram sem poderem determinar a causa unica do phenomeno que se lhes representava. Creram uns desatar o nó da difficuldade, attribuindo exclusivamente o pommo da formosura ao gosto architectonico dos gregos, e regeitando como barbara e absurda toda e qualquer obra que se desviasse delle. A esta opinião acanhada cabe a culpa de ter preparado a ruina dos magnificos edificios da idade media, esquecidos uns, e arrazados outros muitas vezes para serem substituidos por falsas imitações da architectura grega formosa mas essencialmente local. Foi assim que na arte de edificar, como na litteratura, o esplendor dos antigos monumentos offuscou os modernos artistas, e levando-os atraz da admiração esteril, os tornou escravos, que sem estudarem o gosto nas suas causas, sem procurarem as naturaes tendencias da epoca nas opiniões dominantes, entregaram a palma ao passado proscurendo a actualidade, que é a razão primeira das fórmas architectonicas. Servos da imitação correram longe da estrada que guiava á verdade e em breve a arte, continuando a ser grega nas particularidades, deixou de o ser na essencia; porque não fôra a idéa, a significação do todo que se estudara, mas sómente se esmerava a copia na reproducção dos accessorios. De certo para julgar as obras da architectura cumpre buscar a origem della, e a causa que lhe deu o ser na terra. — Cumpre examinar qual foi o primitivo fim que teve em mente para podermos avaliar depois os diversos systemas, determinando qual é o mais adequado ao objecto da sua instituição. Eis a unica maneira legitima de considerar as artes, que nada mais são do que harmonias de idéas, fixadas em inagens sensiveis.

A idéa primitiva e universal é a idéa de Deus; e della nasceu o amor dos bons ao Eterno e o temor dos máus ao castigo. D'ahi veiu a necessidade de exprimir por símbolos estas paixões; levantaram-se então os altares e os templos; e a architectura appareceu assim no mundo. A historia e a philosophia do espirito humano provam, que a nenhuma outra cousa se deve

attribuir a sua origem. Aquelles que lhe assignam como principio a necessidade de um abrigo para o homem acanham o assumpto e não o resolvem. O instincto das commodidades phisicas pôde crear desde a cabana do castor até ás habitações agradaveis das modernas cidades da Europa; mas architectura nunca. As boas artes em geral representam necessidades intellectuaes e poucas vezes necessidades phisicas; ora seguindo a idéa constitutiva da choupana havia de ser duvidoso que se chegasse a conceber o Templo de Minerva, ou o Odeon de Athenas.

Como se explicará além disto pela precisão de crear um asilo contra as injurias do tempo a fórma dos mais remotos monumentos da antiguidade? Como havemos de crer, que edificios descubertos servissem para abrigar o homem, ou que na sua infancia a arte se affastasse logo do objecto da sua instituição, se a origem de que fallamos fosse a verdadeira?

Já houve quem buscando a primeira razão da architectura cuidou achal-a na imitação das florestas: — e viu nos sycómoros, nos carvalhos e nos tis o typo dos templos gregos, e nos pinhaes esguios a origem das pyramides arrojadas da architectura chamada gothica. E é preciso reconhecê-lo, a apparencia illude. As affinidades que se encontram são seductoras; mas cavando mais fundo na historia dos monumentos descobre-se, que esta opinião ainda não resolve a difficuldade; porque apenas por meio della se explicaria o systema de architectura seguido pelos gregos, e talvez ainda o gothico, se por ventura as fórmas dos edificios da idade media tivessem nascido no septentrião. Embora a architectura fosse a imitação das florestas, a questão ficava intacta. O verbo, o pensamento da arte ainda ali não estava. Dizei porque e para que imitou o homem o bosque; porque tirou ao templo natural a seiva, o crescimento, e a vida? porque o privou do sussurrar do vento, do ranger das folhas seccas no outono, dos canticos das aves? Onde está o sol, a lua, e o brilho do rocio matutino? Porque amontoou pedras sobre pedras, todas palidas, todas silenciosas, todas mortas? Certo que elle na sua obra não quiz annullar a obra de Deus: certo que outra idéa foi a que escondeu nos seios duros dos gigantes de marmore e de granito.

E esta idéa, ou agglomeração de idéas, era um pensamento energico e forte; era um sentimento profundo que revelam desde os hyerogliphicos e os alphabets até ás pedras runicas; que está escripto em todos os symbolos que os seculos passados nos transmitiram com os fragmentos da sua existencia, a que chamamos historia. O pensamento, expresso na architectura de sua natureza methaphisico, vago e complexo, unico pensamento possivel para a infancia da intelligencia humana, era a religião; é ella por tanto a primitiva idéa da architectura.

O homem traduz em gestos os affectos momentaneos do espirito; e quando os gestos não bastam á diutur-

nidade e intensidade dos affectos traslada-as, imprime-as nos monumentos de um modo indefinivel e misterioso para a philosophia; claro e intelligivel para a multidão que recebe a idéa, que a sente, unisona com o primeiro que a sentiu, sem saber, nem lhe importar como. Este como é o segredo do universo, é a harmonia do immaterial, é o objecto da sciencia da methaphisica.

Dahi veiu o emblema: — e a architectura é o emblema da idéa viva, perenne, e profunda da religião. Se as crenças representadas variam, transformam-se com ellas as expressões monumentaes: — e de traz de cada fórma architectonica está o verbo que a explica, formando um som accorde. O livro escripto dos preceitos de qualquer religião é morto: o vivo está exarado na totalidade do templo; porque em um está a letra, e no outro só é que o espirito se revela.

Buscai, por tanto, fora da arte a sua razão primeira, que de outro modo ella será vã, inintelligivel, e morta. Indagai a historia religiosa de cada povo e nella achareis a chave, a explicação, e por assim dizer, os perfis dos monumentos desse povo. Para gozar da harmonia de dois instrumentos accordes sempre ouvir a um e outro.

E começando pelo Egypto veremos que ali foi o seminario de todas as idolatrias; ali se adoravam como nunes os quadrupedes, os reptis, e até as plantas dos hortos: ali a theogonia deificava a memoria de homens, cuja vida é um tecido de brutezas e crimes: ali todas as paixões eram baixas, mundanas e impuras; e a idéa de outra existencia além da morte, apenas uma idéa de transformação material. Quando o sacerdote de Isis revelava ao profano os seus tenebrosos misterios eram maravilhas phisicas as que lhe patenteava; e o iniciado dentre terrores só trazia a certeza de que muitas leis e harmonias do mundo lhe eram desconhecidas, ou quando muito, que a sciencia sacerdotal confirmava certas maximas moraes, que estavam innatas na consciencia: mas o coração ficava vasio e desenganado de que o grito intimo e confuso da immortalidade não achara ecco nos subterraneos do templo; e de que não era atravez de visões espantosas que se podia antever o mundo das intelligencias.

Com estes caracteres da religião egypcia conformase a sua architectura: tudo é maciço nos templos daquelle paiz: longas fileiras de grossas pilastras susteem a pouca altura os tectos achatados, que de amplos e pezados pareceem esmagar o solo. Nos monumentos, que nos restam daquelle povo que passou, admira-se com pasmo a solidez da obra; porém nada eleva o espirito; tudo pelo contrario concorre para o curvar para a terra oppresso sob o peso das moles espantosas, agglomeradas pelo homem á voz de uma religião grosseira.

Devia ser materia de um livro a comparação da historia theologica do Catholicismo e do Mahometismo com as differentes fórmas da architectura na Euro-

pa e no Occidente. Por aquella achariamos explicadas as minimas variações desta; e posto que o trabalho havia de ser longo e penoso ninguem pôde prever até que ponto elle influiria na arte e na maneira de avaliar os seus monumentos?

Vejam-se os templos da idade media; as abobadas ponteagudas, como os braços do homem, quando se levanta para o céu; as columnas delgadas e subtis subindo a immensa altura como a imagem da oração, que se eleva até ao seio de Deus; ou unidas estreitamente entre si como um simbolo do amor fraternal e da caridade christã. Esses capiteis semelhantes a um vaso de incenso, ao turybulo dos perfumes diante do altar do Cordeiro; essas esguias janellas que lá de cima do templo trazem a luz do sol coada por vidros de mil côres a reflectir nas alvas lageas do pavimento; isso tudo é o vago, o indefinido, o melancolico, e o saudoso: isso tudo é o christianismo.

Comparai agora o templo com a mesquita arabe ou mourisca. Achareis nella a influencia do sensualismo; os arcos de volta de ferradura ou pelo menos semi-circulares como as preces vãs e não acceitas, que na subida voltam e cahem na terra. Os globos de bronze terminando as agulhas dos corucheus como pensamentos profanos empanando a oração fervente. O baixo tecto da mesquita pesa sobre a cabeça do Mahometano como sobre as idéas de fogo que no coração lhe imprimiu o Koran está levantada a idéa de gozos immundos e torpes. Pelas janellas, visinhas do pavimento, só allumia a luz reflectida da terra, desta terra tão polluida de sangue, de crimes, e de lagrimas. E isto tudo é a contradicção do sublime e do rasteiro, do espirito e do corpo — isto tudo é o islamismo. Em tempos anteriores o sacerdocio, apartando-se da pureza evangelica nas imagens da mão do homem, abriu abundante fonte, em que saciasse a ambição. As consequencias deste mal abrangeram com os seus effeitos a architectura christã. Dahi proveiu cubrirem-se as abobadas, os muros, os portaes, e as columnas de invenções e de esculpturas ás vezes barbaras e sempre indignas da magestade dos templos neo-goticos; todos esses delirios de imaginações desregradas, esses monstros, esses arabescos, todos esses vultos fallam aos que os contemplam das superstições e da terra. — Se o christianismo tivesse nos primeiros seculos da igreja, triumphado do catholicismo, a architectura da idade media, sobre tudo no seculo XV teria attingido a perfeição do ideal.

Dir-se-ha, que estes relevos e adornos, (os quaes abstrahindo da sua impropria applicação, não se pôde muitas vezes negar que sejam primores d'arte) eram um livro em que os homens daquelles seculos escreviam a historia dos seus costumes e habitos, e a das fórmulas da sua existencia. E' innegavel, de certo pelo menos para quem os tiver estudado: mas era no templo consagrado ao Eterno que os usos transitorios de um mundo vão e inquieto se deviam estampar? Era

no logar da meditação, do silencio, e das preces que o passado devia ir contar ao futuro a historia dos seus costumes? Muito fallam ainda dos antigos tempos os castellos feudaes, e as salas d'armas: muitissimo as tarjas e os adornos dos manuscritos, que nós homens ensoberbecidos com o progresso actual julgamos ainda um milagre do engenho, da arte, e de perfeição. Bem miudamente se descreveu nestes monumentos todos a idade media; intactos e puros cumpria, que ficassem tambem os monumentos religiosos. Elles não deviam fallar senão das nossas esperanças vindouras; não podiam apontar-nos senão para a habitação celeste.

Mais ruinoso com tudo foi para a architectura (a que por excellencia podemos chamar christã) o presumido gosto dos modernos, do que a influencia dos leonoclastas. Vemos columnas doricas e corinthias hoje a sustentar abobedas ponteagudas e os frescos e o ouro cubrindo tectos e paredes queimadas dos seculos; barbaridade bem semelhante á dos edificios lombardos. Mas tão sublime era a architectura neo-gotica, que assim mesmo prevertida, ainda os seus templos ostentam a riqueza das inspirações que offerecem ao poeta, e as harmonias religiosas que enlevam os que se ufanam por desprezarem as recordações do Evangelho.

Estas reflexões occorrem logo a quem medita sobre a manifestação da arte que traduz no livro de marmore o pensamento das epocas; e sem ellas o estudo da architectura em qualquer paiz e em qualquer periodo ha-de ser confuso e incompleto. A influencia das idéas guia a mão do homem; — e cuidando ás vezes obedecer unicamente ao seu engenho, o artista não fez mais do que estampar no rosto da cathedral as feições moraes do seculo em que vive. O simbolo, expressão intellectual dos factos une-se á forma, imagem sensível do bello, e ambos elles formam o que Victor Hugo chama «a grande Sinfonia de Pedra.» Uma serie de harmonias admiraveis ligadas por um pensamento capital — o pensamento christão!

L. A. Rebello da Silva.

## AFFRONTA POR AFFRONTA

DRAMA EM 4 ACTOS.

(Continuado do n.º 34.)

AFFONSO.

Pois bem! — sois a pessoa que eu procuro. . . . .

D. FERNANDO.

(Sorrindo-se). Para o matar? . . . . .

AFFONSO.

(Arrebatado). E é pouco ainda, que o sangue d'um homem — embora seja nobre, embora seja conde, não lava a affronta d'um peão, d'um plebeo como eu sou. . . . . E' que esse sangue, apezar de correr nas

veias d'um poderoso, não irá acordar do desalento minha mãe, que geme no leito da dôr, minha irmã que chora noute e dia o seu erro involuntario . . . . nem baptisará com um nome o bastardo que dorme no berço . . . . que tem de ser um tumulo para elle! . . . .

D. FERNANDO.

(*Duvidoso e inquieto*). Dizei-me — dizei-me, então quem sois?

AFFONSO.

(*Amargamente*). Tendes bem pouco viva a memoria, cavalleiro! E tendes razão: — que vale ao poderoso conde d'Artamar que uma pobre velha agonise nas taboas d'um leito, que lhe importa que uma donzella chore noute e dia um crime que lhe não pertence? . . . . O que são duas mulheres — a honra d'uma familia para um conde? . . . . Um brinquedo de creança! . . . . (*com raiva concentrada*). Hei-de ter a vossa vida, ou haveis de ter a minha!

D. FERNANDO.

Um duello! um duello!

AFFONSO.

(*Com ironia insultante*). Tendes medo, senhor conde?

D. FERNANDO.

(*Com orgulho*). Tenho dado sobejas provas do contrario — mas não posso esquecer que sois um peão — um popular! . . . .

AFFONSO.

(*Ressentido*). Já tinha previsto a vossa resposta: — eu bem sabia que para a fidalguia um peão não é um homem — não tem direito de desafrontar as injurias, nem de fazer correr uma gota desse sangue precioso, que corre nas vossas veias . . . . (*mudando de tom*). Será um duello de morte — sem testemunhas . . . . Se me matardes, ninguem o saberá: se vos matar direi que foi uma traição, e passarei eu talvez por assassino . . . .

D. FERNANDO.

Não posso, não posso medir-me comvosco . . . . Um duello leal era impossivel . . . . o outro era uma blasphemia contra Deus!

AFFONSO.

E quando ieis vós um fidalgo — vós — um conde — a um altar fingido — quando simulaveis n'uma comedia atroz o mysterio mais augusto da religião — para deshorrar uma donzella, e lançar para sempre a vergonha n'uma familia pobre, mas sempre honesta — não affrontaveis a Deus n'uma sanguinolenta blasphemia?

D. FERNANDO.

(*Irresoluto*). Sim . . . . sim . . . . mas não sois fidalgo!

AFFONSO.

(*Com ironico desprezo*). Se o fosse quizeris combater comigo — medir a vossa com a minha espada, não é assim? E' que então era um duello como esses torneios e batalhas em que tendes dado provas de esforço, e de coragem? Era um duello quasi diante dos

olhos das damas, aos clarões esplendidos do sol, ao tanger penetrante do clarim? Viam-vos — serieis bravo! Agora, sois um covarde, que ouvis a injuria, e que a devorais com o vosso orgulho de grande! Não tendes damas que vos vejam, clarim que vos anime . . . . nem affronta que vos irrite . . . .

D. FERNANDO.

(*Com desalento*). Sei medir o meu crime, não quizera levar comigo mais um remorso . . . .

AFFONSO.

(*Com ironia*). Magnanima consciencia, que teme doer-se de mais um espinho! . . . . Vêde, vêde a que ponto chegam os vossos melindres . . . . Não temeis commetter o crime, receais soffrer o remorso! . . . . (*mudando de tom*). São novas injurias essas que deveis pagar bem caras!

D. FERNANDO.

(*Irado*). E eu a dar ouvidos ao villão, que tem tão solta a lingua . . . . Não! esperai! vou chamar gente! . . . .

AFFONSO.

(*Bradando com esforço*). E' trabalho baldado! sou eu que soltarei o grito!

Vinde, cavalleiros e damas, vinde aqui a vêr um covarde, que ha-de ser armado cavalleiro pelas mãos d'um popular! (*vem chegando muitos grupos de damas e cavalleiros*).

## SCENA VI.

### OS MESMOS, DAMAS e CAVALLEIROS.

#### 1.º CAVALLEIRO.

Que é isto, senhores, no meio d'uma festa, na vespere da partida! . . . .

AFFONSO.

Acercai-vos, senhores, que é proprio o ensejo. Ouvi — cavalleiro! ouvi — e corai ao menos por elle!

Chamei covarde a esse homem, e a espada desse homem ficou immovel na bainha — lancei-lhe aos pés a minha luva (*atirando a luva e esperando um momento*). E não se moveu a apanhal-a . . . . (*voltando-se para todos com ironia*). Quer ser soldado ou deseja ser monge? . . . . Se quer ser soldado, são as mãos d'outro que pelejou nos dominios d'além-mar, que o devem armar cavalleiro, perante os olhos das damas, e dos cavalleiros do saráu!

D. FERNANDO.

(*Terrivel*). E' muito! oh! é muito! (*serenando*). Não deis ouvidos ás suas palavras, é um louco — um pobre louco! Esse homem, que ousa erguer a voz nas salas d'um fidalgo — é um soldado de leva! . . . . E' um peão, e bem sabeis, senhores, que a luva d'um peão só se manda apanhar por outro peão! (*todos afastando-se com temor fingido*).

E' villão! é um villão!

AFFONSO.

(*Cruzando os braços immovel e ironico*). Oh! cavalleiro, fugis do villão — do misero soldado! . . . . (*animando-se*). E o villão, e o misero soldado combatia os inimigos da sua terra, em quanto vós vos rojaveis na côrte, em quanto gozaveis da gloria que elle alcançava, do ouro que elle conquistava a preço do seu sangue! — Deveis fugir — deveis fugir! que a sua presença é uma injuria áquelles que tem armas nos braços, e que nunca as souberam manejar na guerra! . . . .

Oh! cortezãos! cortezãos! que serieis vós sem os peões que combatem, e não pizam as salas douradas — que engrandecem o reino, sem lhe absorver os recursos em festas e sarás! . . . . (*para D. Fernando*). Ainda nos havemos encontrar um dia, emprazo-vos em nome de Deus, para que o não esqueçais!

2.º CAVALLEIRO.

Lançai fóra o villão (*muitas vezes*). Fóra o villão! fóra o villão!

AFFONSO.

(*Debatendo-se entre as pessoas que o expulsam*). O villão ha-de vingar-se! ha-de vingar-se!

### ACTO III.

*Uma casa interior do palacio d'Artamar. Janella ao fundo. Portas lateraes. E' noite.*

SCENA I.

O CONDE.

Filha, prepara-te para este casamento. Só uma vez recebi novas de teu irmão, pôde morrer na guerra, e (*com tristeza*) a familia d'Artamar extinguir-se-ha sem herdeiros . . . .

ISABEL.

(*Abaixando os olhos*). Meu pae, tão moça ainda, aos dezaseis annos, quereis que me desterre dos braços d'um pae — para ir — quem sabe? finar-me de angustia nos d'um marido que eu não conheço, que eu não posso amar talvez? . . . .

O CONDE.

E pensas que me não custa tambem esta necessidade fatal? Cuidas por ventura que não sinto palpitar de dôr o meu coração de pae? Mas os fidalgos tem deveres imperiosos, e deveres que nunca podemos olvidar! . . . . E' mister que um nome illustre não se risque do livro d'ouro da nobreza . . . . Seria um ultrage aos nossos avós, á memoria dos nossos feitos! . . . .

ISABEL.

(*Com brandura*). Conheço isso, meu pae, mas demorai . . . demorai este casamento . . . Meu irmão pouco tempo poderá tardar . . . (*affogando-se-lhe a voz em soluços*). Porque não nasci eu entre o povo — poderia dispôr do coração — poderia viver sempre ao la-

do de meu pae . . . e não tinha a satisfazer esses deveres importunos que nos prendem a vontade, que decidem do nosso destino! . . . .

O CONDE.

Filha — consola-te! vigiarei sobre ti, sobre a tua felicidade! Um pae é sempre pae, embora tenha de respeitar as leis que herdou com o sangue!

ISABEL.

Como me consolam essas palavras — agora conheço que sois bom, meu pae! . . . Hei mister da vossa indulgencia para . . . . (*emendando-se*) que me passara ás vezes cousas pela cabeça, que eu não sei, que eu não posso explicar!

O CONDE.

Sonhos de dezaseis annos! (*com brandura e meiguice*). Apaixonada como és, aposto que nos teus livros de cavallarias já escolhes-te um Amadis — um Tristão, que te console — que te venha levar á garupa do cavallo, para correr terras, com esse lindo nome nos labios, com esse doce pezo estreitado ao coração? . . . . ( *vendo Isabel corar progressivamente*). Adivinhei! adivinhei! nem tem muito que adivinhar!

ISABEL.

(*Com esperanza*). E se assim fosse — e se eu amasse um cavalleiro pobre, mas illustre — desgraçado, mas cheio de esforço e de nobreza? . . . .

O CONDE.

(*Com ternura*). Louquinha! Deixa para os livros esses heroes, que eu não sei se o foram, e pensa no que te digo . . . . Nunca amas-te, poderás amar esse a quem escolho . . . . (*Com doçura*). Basta ser escolha de teu pae!

ISABEL.

(*A' parte*). Ah! minha esperanza, minha esperanza, crestada antes de desabrochar na vida! . . . Não tenho animo de o dizer a meu pae . . . aquelle olhar que me olha agora com meiguice, tornar-se-ia abraçado e terrivel . . . . Não! não! tenho medo! . . . . (*alto*) Meu pae, o que só vos peço é que me não caseis tão cedo . . . . (*com carinho e intenção*) Deixai-me por ora amar os heroes dos meus livros! . . . .

O CONDE.

Ora vá! consinto! ame a senhora castellã quantos cavalleiros desgarrados lhe vierem pedir gasalhado ao seu castello . . . mas lembre-se que tem de casar, e quando chegar esse momento . . . . (*com fingido enfado* . . . .) mande-os embora a todos elles! . . . .

ISABEL.

Sim — meu pae! — sim — estas loucuras hão-de passar . . . hão-de passar! . . . (*á parte*) se elle soubesse que era verdade o que diz! . . . .

O CONDE.

Pois eu a deixo, minha gentil dona, que são horas de repousar . . . . (*dando-lhe um beijo na testa*). Eu Merlim, magico da Tavola-Redonda — posso encantar a formosa esquiwa! . . . . (*com ternura*). Com esse

beijo ha-de dormir descansada . . . . sem tresloucados sonhos! . . . . Adeus, Isabel! — (*vai-se*).

## SCENA II.

ISABEL só.

Oh! talvez que meu pae me perdoe . . . se o vir, triste, vestido de negro . . . com aquelle olhar tão resignado e tam nobre . . . talvez nos perdoe a ambos! . . . Talvez! . . . E' proscripto, mas é tão fidalgo como um rei . . . Assim m'o disse . . . e não poderia mentir ao sangue aquella testa elevada, aquelles olhos gentis, aquella estatura magestosa! . . . Não podia — não podia — que ainda não vi outro homem assim! . . . Se meu pae, se meu irmão o virem, hão-de perdoar-lhe — perdoar-nos! . . . (*Com alegria*). E serei então feliz, muito feliz! (*Ouve-se uma voz cantar este romance*).

Ai pobre de ti proscripto  
Ai pobre de ti coitado  
Que a vida passas na terra  
De todos desamparado.  
De todos que a minha vida  
E' vida de muita dôr  
A ralarem-me as saudades  
A morrer aqui d'amor

A morrer que sinto n'alma  
Como não sentiu ninguem  
As saudades que no peito  
Partir-se — quebrar-se vem.

Ai pobre de ti proscripto  
Ai pobre de ti coitado  
Esquecido aqui de todos  
De todos desamparado.

E' elle! é a sua voz! Já será meia noute — meu Deus? (*indo à janella*)

E's tu Affonso?

(*Uma voz*). Sou eu! sou eu!

ISABEL.

Não m'engano agora — é elle!

## SCENA III.

ISABEL e AFFONSO depois.

ISABEL.

(*Lançando pela janella uma escada de cordas, que recolle para dentro depois d'entrar Affonso*). Sobe! sobe! que já vai adiantada a noite!

AFFONSO.

(*Saltando pela janella, traz chapéu de pluma preta,*

*vestido negro, manto tambem negro*). Isabel! Isabel! não me esperavas hoje?

ISABEL.

Parecia-me que não havias de vir! e apesar disso, eu ouvia a tua voz, no esvoaçar da brisa, no estremecer das folhas, no murmurio das agoas, nos va-gos eccos do palacio! Oh! é que a tua imagem vive, está-me sempre impressa na alma!

AFFONSO.

(*Com amargura*). As tuas meigas palavras são os unicos raios de felicidade que allumiam a minha vida! — Padecer e amar eis o meu destino, foi a sina que Deus me marcou desde o berço!

ISABEL.

(*Com meiguice*). Nunca te vejo senão triste, sempre sombrio! . . . Acaso já os meus olhos te não fazem sorrir o semblante, nem as minhas palavras te fazem pular com mais força o coração?

AFFONSO.

E' que o passado, Isabel não se desvaneece com um olhar de paixão, nem o futuro se abre prasenteiro nos labios d'uma mulher! . . . E' que me lembro, é que me lembro, Isabel, é que a memoria não foge — é que vejo erguer-se do tumulo o que amei tambem com amor profundo, com devoção entusiastica . . . Minha mãe, e minha irmã, pobres anjos que choram lá no céu por mim!

ISABEL.

Parece-me que não me amas, Affonso, o amor não se lembra — esquece tudo! . . . Eu sou ingrata ás vezes, tenho remorsos de te amar com tanto extremo . . . Esqueço-me de meu pae, esqueço-me de tudo . . . . (*corando*) como já esqueci nessa noute fatal!

AFFONSO.

Oh! desgraçada! desgraçada! Que quizes-te cingir comigo a minha alva de condemnado! (*com um movimento de pesar*). Perdoa, perdoa ao proscripto, o ter vindo acordar o vulcão que adormecia nesse peito gentil . . . .

ISABEL.

(*Meiga*). E pensas que não estou orgulhosa do meu sacrificio? Oh! Affonso! agora, neste instante, eu dar-te-ia de novo o meu amor — sentiria com dobrado empenho os teus labios pousarem nos meus esses beijos de fogo, que me fizeram resuscitar á vida — quizera amar-te como eras então — sem essa tristeza sombria, que te escurece d'hora a hora o rosto, que me opprime cada vez mais o coração, que me faz padecer o que eu nunca pensei . . . . (*com ternura*). Padecer por outrem, é mais cruel do que padecer por si mesmo!

Lopes de Mendonça.

(Continua.)

---

**POESIA.**

*Escrepta no souvenir da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. M. B. S.*

Recebe nesta folha abandonada  
O meu ultimo adeus,  
Tu que vás ser em breve desposada  
Perante o altar de Deus.

Acolhe o extremo canto triste e rude,  
Que entoa a minha dôr;  
— Que já não posso em magico alaude  
Votar-te hymnos d'amor.

Em breve o teu sorriso tão ameno  
P'ra mim será gellado;  
Em breve o teu olhar meigo e sereno  
P'ra mim vae ser vedado!

Mas que importa? Ajuntou-nos o Senhor  
Na terra um só momento?  
Que importa — se tu vás viver d'amor, —  
Que eu viva p'ra tormento?

Qual mimosa perpetua entre as mais flores  
Jamais debes murchar;  
Fadou-te o céu ledo condão d'amores,  
Fadou-te p'ra gozar.

E eu sou, qual secco arbusto, que rasteja  
Por entre agros espinhos;  
Luz-me no céu estrella mal-fazeja,  
Meus fados são mesquinhos.

Mas se um dia os teus sonhos de ventura  
Tambem tiverem fim,  
N'algum dos teus instantes d'amargura  
Oh! lembra-te de mim!

.....  
Recebe o adeus extremo, os ais profundos  
Do bardo que suspira,  
Acolhe os tristes echos moribundos,  
Da minha frôxa lyra.

*Latino Coelho.*

---

**INDUSTRIA E SCIENCIAS.**
**O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.**

(Continuado do n.º 33.)

817.º *Cultura do milho grosso ou mais.* O milho

grosso (*zea mais*) é uma planta originaria dos dois mundos, e nelles cultivada desde tempo immemorial. A sua introdução porém no meio-dia da Europa data da descoberta da America, donde portuguezes e hespanhoes o trouxeram, talvez sem avaliarem devidamente o precioso e rico presente que importavam na sua patria. E na verdade o ouro e a prata que nos vierão daquellas regiões valeriam por ventura as opulentas subsistencias extrahidas desta graminea?

818.º Ha poucas culturas de um interesse economico e de uma utilidade rural tão grande e tão universal como o milho grosso. Tudo nesta planta preciosa póde aproveitar-se desde a raiz até á semente. As suas partes podem todas utilizar-se, quer na alimentação do homem e dos animaes domesticos, quer em algumas das variadas necessidades das artes agricolas ou industriaes. Com a farinha proveniente do seu grão confecciona-se um pão sadio e nutriente, que chega a ser assaz agradável, quando se lhe mistura alguma farinha de trigo, de centeio ou de batatas. Haverá cousa de tres seculos, que este pão é o alimento ordinario dos habitantes das nossas provincias do norte, e talvez o de uma boa metade da população do reino. O grão desta graminea é um bom mantimento para todos os animaes domesticos; e submettido á fermentação alcoolica póde substituir a cevada na preparação da cerveja. Os caules, as folhas e as bandeiras desta planta dioica, que são os seus órgãos sexuaes masculinos, produzem uma excellente forragem propria para a manança dos bois, dos cavallos e de outros animaes de trabalho, tanto no verão como no inverno. As suas espathas ou os involucros da maçaroca ou espiga que contem os órgãos sexuaes femininos, servem para fazer chapeos, esteiras e para encher cochins e xergões, e mesmo para sustento do gado. As folhas são ainda aproveitadas na fabricação do papel. N'uma palavra todas as partes desta planta tem usos muito variados e importantes.

819.º Existem varias especies de maiz, e muitas variedades provenientes destas especies. A especie mais geralmente cultivada tanto entre nós, como em todo o meio-dia da Europa, é o *Zea maiz de folhas inteiras (foliis integerrimis)* de Lin. Esta especie apresenta um grande numero de variedades, sendo as principaes o *milho temporão* e o *milho serodeo*, a que chamão tambem em algumas partes do reino *milho cedovem* e *milho de orelha de mula*. As variedades de côr branca, encarnada e amarella, que apresenta a especie acima indicada, são por tal modo fugazes e accidentaes, e transformam-se com tanta facilidade e frequencia, que não merecem ser consideradas na maior parte dos casos senão como *variações*.

820.º O milho branco reputa-se mais productivo que o encarnado e amarello, e tem a cana alta e a espiga maior; o milho amarello convem mais aos terrenos arenosos; é alguma cousa mais temporão, e prefere-se por isso nas sementeiras de revolta.

821.º O milho da *Pensilvania* generalizado em França pelos cuidados de Mr. *Thouin* merece ser cultivado de preferencia em toda a Europa meridional pela sua grande fecundidade; ha pé deste milho que chega a dar 14 e mais espigas ou maçarocas de tamanho mais que regular. O milho de *Virginia*, introduzido recentemente no continente europeu, é tambem considerado como uma das variedades mais productivas.

822.º Os terrenos ligeiros e soltos, os *calcareo-siliciosos* e os *silico-argilosos*, com tanto que sejam bem adubados, são os que mais convem ao maiz. Todavia esta planta prospera em todas as terras, uma vez que ellas sejam frescas, fundas, bem amanhadas, e estrumadas. Póde succeder a quasi todas as culturas, e preceder as dos cereaes.

823.º A preparação do terreno deve variar segundo a sua natureza. Como a principal condição desta operação é a de uma divisão completa, devem empregar-se as necessarias lavouras para obter este resultado. Muitas vezes bastam duas, sendo a primeira praticada antes do inverno e a segunda algum tempo antes da sementeira. Grada-se depois a terra para que fique muito bem sarjada e esterroada, e procede-se á sementeira depois de bem escolhida e preparada a semente.

824.º Adoptam-se dois methodos principaes nesta operação. Consiste o primeiro em espalhar a semente a lanço e cobri-la immediatamente com a grade — e o segundo em semea-la a rego ou em linhas paralelas.

825.º O primeiro destes methodos adoptado entre nós nas grandes culturas deve ser considerado como essencialmente vicioso, não só porque faz desenvolver as plantas em distancias irregulares, accumulando-as muitas vezes em pequenos espaços, o que obsta sobre maneira ao seu natural desenvolvimento, mas tambem porque contraria os amanhos ulteriores, como são, a *monda*, a *sacha* e a *arrenda*; oppondo-se principalmente ao emprego dos instrumentos que simplificação, e aperfeiçoão o trabalho, como o *cultivador* e *enchada de cavallo*, &c.

826.º O segundo methodo muito preferivel ao primeiro é o que entre nós se usa nas pequenas culturas, e o mais geralmente adoptado nas *Beiras*, na *Estremadura* e no *Minho*. Eis-aqui como geralmente se procede. Abrem-se por meio do arado ou do extirpador regos de tres pollegadas de profundidade e de 29 a 30 pollegadas de distancia: dá-se depois uma outra lavra atravessada com as condições da primeira, e semeão-se tres a quatro grãos nos pontos da intercessão dos regos: cobre-se depois a semente por meio da grade. E' preciso que os sulcos em que se depõem os grãos não tenham mais profundidade do que a indicada, para que estes nasçam bem, e não apodreçam, o que acontece sobre tudo nas terras compactas e humidas, e quando se semea muito cedo. Tambem se semea a re-

go seguindo o semeador a charrua e depondo as sementes a distancias eguaes no fundo da pequena raia formada pela junção do sulco que se vai abrindo e daquelle que o precedera, cobrindo depois a semente com o dorso da grade.

827.º O sementeiro apresenta uma incontestavel vantagem nesta sementeira, e deve empregar-se em toda a parte, onde o seu uso fôr conhecido. Tambem se prepara a terra á enchada de mão, semeando-se e cobrindo-se a semente por meio deste utensilio: este methodo porém com quanto seja muito usado no reino é sobre maneira dispendioso, e só pode applicar-se convenientemente a culturas limitadas, e em terrenos de regadio ou muito frescos, onde o maiz prospera admiravelmente.

828.º E' desde o meado de março até aos fins de abril, que se devem fazer as sementeiras desta planta; convindo semear mais cedo nas terras altas do que nas baixas, e nos paizes quentes do que nos frios.

829.º Quando semeamos esta graminea com o fim de a aproveitar como forragem podemos cutão semear a lanço e muito mais basto; assim como em epochas muito mais variadas desde o começo de março até ao fim de maio para obter productos successivos, e alimentos frescos para os gados.

830.º Quando as plantas tem ganhado algumas pollegadas de altura, ou quando mostram a sua terceira ou quarta folha precisam ser mondadas e sachadas, ou por meio do sachó de mão ou da *enchada de cavallo*. E' nesta epoca que se resemeam as casas que falharam, empregando para este fim o *milho quarenteno* ou qualquer outra variedade temporã. Quinze ou vinte dias depois é conveniente dar um segundo amanho, e em muitos paizes executa-se esta operação com a charrua de duas aivecas chamada *cultivador*. O milho em tendo palmo e meio, ou em começando a *emmaçarocar-se* quer que o *arrendem*, ou como se diz em algumas provincias, que o *amontoem*. Esta amanho consiste em aproximar das plantas a terra em pequenos montinhos para lhes proteger e agasalhar as raizes aereas que nascem do nó immediato ao collo da raiz. E' nesta epoca que costumam suprimir-se os renovos que esta planta produz quando é cultivada nos terrenos pingues.

831.º Algum tempo depois da fecundação cortam-se as *panioulas*, vulgarmente chamadas bandeiras, com o fim de as dar ao gado. Mas como as flores masculinas existem naquelles orgãos é necessario não as cortar senão depois de se ter espalhado o pó fecundante que dellas se desprende; o qual cahindo sobre as flores femininas que revestem as maçarocas debaixo da fórma de filamentos semelhantes aos cabellos fecundam os ovulos, transformando-os em sementes. Quando aquelles filamentos ou barbas do milho se vão secando e fazendo escuros podemos proceder áquella operação.

832.º Quando se querem utilizar os intervallos

que separam as linhas do milho, é necessario logo depois dos primeiros amanhos semear feijões, batatas, aboboras, couves, e mesmo algumas variedades de milho temporão, que servem de forragem aos gados, e que não embaraçam o desenvolvimento da cultura principal.

833.º Quando as espathas, que revestem as espigas se mostram amarellas e aridas é signal de que o milho está maduro e em circumstancias de ser colhido. Na colheita temos a aproveitar os caules ou o folhado e as espigas da planta. Os primeiros cortam-se proximo do collo da raiz enfeixam-se, e depois de seccos á sombra empalheiram-se para sustento dos gados durante o inverno. As espigas espalham-se na eira onde se separam dos espathas. No Além-Téjo faz-se desta operação um divertimento campestre. Os moços e as raparigas das aldêas no meio de danças e folgares dirigem-se á eira, onde n'uma ou mais noites de luar dão conta deste trabalho animados pelas toadas da musica dos campos e dos prazeres innocentes que ella inspira.

834.º As espigas deixam-se ainda na eira durante algum tempo para que a acção do ar e do sol as desseque, a fim de se recolherem neste estado para os colleiros, se não se prefere batel-as e debulhal-as alli mesmo por meio do mangoal.

835.º Quando porém se pretende conservar o milho de um anno para outro é melhor guardar as maçarcas, agrupando-as e atando-as por meio das suas camizas, e suspendendo-as depois em colleiros bem arejados e em varas convenientemente collocadas para este fim.

836.º Como porém esta pratica não pôde inteiramente seguir-se nas grandes culturas, convem que se applique ao menos áquellas espigas, que pelo seu perfeito desenvolvimento merecerem ser conservadas para semente.

837.º *Cultura do milho miudo e painço.* O milho miudo (*panicum miliaceum* Lin) differe do milho painço (*panicum italicum* Lin) em sustentar paniculas ou bandeiras volumosas, longamente ramificadas, e superiormente pendentes em quanto o segundo apresenta as suas flores dispostas em espigas cerradas, cylindricas, e de ramificações curtas que apenas são observaveis na base. Estas duas especies, ainda que botanicamente differentes, reclamam todavia uma cultura semelhante. Ellas pôdam succeder ao trevo e preceder os cereaes.

838.º Aprazem-se nos terrenos soltos e ligeiros com tanto que sejam substanciaes e bem preparados. Nos terrenos pobres e aridos dão uma escassa producção tanto de palha como de grão.

839.º Nas nossas provincias do Sul costumam semear-se estas duas especies de milho, e particularmente o milho miudo nos alqueives destinados ás sementeiras do trigo e do centeio. Semeam-se a lanço por todo o mez de Maio, e em alguns annos e em certas

localidades no mez d'Abril; e como estas culturas não occasionam outras despezas além das da lavoura destinada a cobrir a semente e da colheita, e como por outro lado beneficiam e preparam as terras para as subsequentes culturas daquellas graniferas não deixam por isso de ser bastante proveitosas.

840.º Em alguns paizes semeam o milho miudo em linhas parallelas, e submetem-o á mesma cultura do milho grosso; mas a producção daquella planta sendo muito incerta, e de pouco valôr pôde em annos desfavoraveis não cobrir as despezas de um tão laborioso fabrico; sendo por esta razão talvez preferivel a pratica geralmente seguida entre nós, de semear a lanço, e de beneficiar sómente a seara mondando-a das hervas ruins.

841.º A mudança de côr das paniculas e das espigas, que se tornam amarelladas na época da maturação, indica que a colheita está eminente: e então não se deve defferir para que se não dissemine uma parte da semente que facilmente se desprende dos caules quando estes se acham demasiadamente seccos e aridos.

842.º Os usos destas gramineas não são tão importantes como os das outras de que temos fallado; entre tanto o seu grão produz uma farinha susceptivel de panificação, e é além disto utilizado na nutrição das aves, assim como a sua palha no sustento dos gados, que a comem com grande avidéz.

843.º *Cultura do milho sorgo.* O milho sorgo ou zaburro branco (*holcus sorghum* Lin) apresenta as suas flores e sementes dispostas na extremidade do caule em largas paniculas que formam uma especie de pequena vassoura. Semea-se no mez d'Abril e de Maio, e cultiva-se do mesmo modo que o milho grosso. Quer terra de fundo forte e humida. Sendo regado prospera admiravelmente. É uma planta muito cultivada na Arabia e em diversos pontos da Asia. Nos Açores, em Hespanha, e em Portugal tambem se cultiva em maior ou menor escala. Esgota muito os terrenos, mas fórma um excellente prado artificial que pôde dar uns poucos de cortes muito abundantes. O seu grão é de inferior qualidade, mas é excellente para engordar os porcos. Com as ultimas ramificações da sua panicula fazem-se boas escovas, e com as suas canas sebes para cerrar os farregeaes e as hortas.

#### *Cultura das plantas pratenses.*

844.º Ainda que lentamente vão-se todos os dias transformando e aperfeiçoando os processos e praticas agricolas. Nós não cultivamos como cultivavão os nossos avós — e os nossos netos não hão-de cultivar como nós cultivamos. As novas precisiões das sociedades modernas, a luz brilhante da civilisação que as guia, os aperfeiçoamentos que as sciencias tem successivamente introduzido nas artes vão transformando e polindo os seus processos, e ampliando a esfera da sua producção.

845.º Na primeira epoca da infancia da agricultura não se conhecia outro methodo de crear e nutrir os gados senão o de os apascentar nessas pastagens, que brotavão espontaneas nos terrenos virgens e incultos. Era a primeira indicação da natureza, e a marcha que inda hoje se observa nas planicies quasi desertas da America do Sul, onde rebanhos numerosissimos de bois e de cavallos, estranhos á domesticidade, vivem associados sem dono nem pastor que os guie.

846.º Esta pratica derivando naturalmente do excesso das terras com relação á população devia ser modificada logo que a mesma população crescesse, e que as terras escaceassem relativamente. E foi isso o que na verdade aconteceu. Alguns prados naturaes foram então submettidos á cultura, e começaram a ser recolhidas e aproveitadas as suas forragens para a manutenção dos gados nas estações e nas epocas em que as pastagens dos terrenos incultos fossem insufficientes.

847.º Continuando porém a população e multiplicar-se, aglomerando-se em certos pontos, e recrescendo todos os dias o numero das suas necessidades, foi indispensavel imaginar novos expedientes; e além das pastagens e prados naturaes foi mister recorrer aos prados artificiaes, que marcão a epoca mais notavel da agricultura europea.

848.º E na verdade um systema racional de cultura conta entre os elementos, que o constituem, os prados artificiaes, a sustentação dos gados nos curraes pelo menos uma boa parte do anno, a rotação das culturas, e um emprego copioso de estrumes. Mas como os prados se transformam em estrumes, e como os animaes no estabulo são os aparelhos desta transformação, é claro que a *praticultura* e a *estabulação* são os pontos cardeaes de um bom systema de agricultura.

849.º Vê-se por tanto que houve uma epoca na infancia desta arte em que só eram aproveitadas as pastagens dos terrenos incultos, ou as produções espontaneas destes terrenos; que a esta epoca se seguiu outra em que a estas produções se ajuntaram, na sustentação dos gados, as dos prados naturaes; e a esta ainda outra em que se recorreu ás ricas e variadas produções dos prados artificiaes.

850.º Esta cultura dos prados artificiaes está por desgraça muito pouco generalizada no nosso paiz; é mais geral a cultura tão simples como pouco dispendiosa, mas por certo muito menos productiva dos prados naturaes; e ainda é mais ou menos geral o uso de aproveitar as pastagens dos terrenos incultos e maninhos.

851.º Nós não ousamos condemnar na actualidade nenhum destes dois ultimos usos, porque sabemos que não se muda n'um dia um systema de agricultura que prende com quasi todos os ramos de economia rural; mas fazemos votos para que a cultura alterna vá successivamente ganhando terreno sobre os outros

dois systemas, isto é, que a *praticultura*, e por consequencia os *afolhamentos*, vão progressivamente substituindo o *systema dos pousios* e o *pastoril*.

852.º Os baldios e os pastos communs são um dos maiores obstaculos á introdução da cultura alterna e dos prados artificiaes. Os terrenos votados ao *compascuo*, que são ao mesmo tempo de todos e de ninguém nunca podem ser convenientemente aproveitados.

853.º O direito do *compascuo* é um dos maiores flagellos da nossa agricultura e torna quasi improductiva talvez uma decima parte das terras araveis do sul do reino.

854.º Pouco ou nada se aproveita dos terrenos baldios, porque nada se economisa, porque tudo se devora ou devasta em poucos dias. Os gados e rebanhos de todo o concelho, apenas as folhas se baldeão, entrão nellas de tropel, não para comer e aproveitar as pastagens, mas para destroçar e talar os campos, e para os percorrer uma e muitas vezes em todas as direcções, mettendo tudo debaixo dos pés. Este vandalicó systema é a vergonha de um paiz agricola e civilisado. Os concelhos do reino, onde elle se tolera, distinguem-se pela miseria dos seus campos e pela pobreza dos seus habitantes. — Não seria melhor que as camaras do reino, que possuem baldios, os dividissem em sortes e os aforassem aos chefes de familia do concelho? Esta pratica adoptada em alguns municipios do Alem-tejo produziu optimos resultados. — E pelo que respeita aos terrenos de propriedade particular submettidos ao *compascuo* a lei já os devera ter emancipado deste onus, ampliando o principio da liberdade da terra tão fecundo em grandes resultados.

855.º A *praticultura* tem por objecto ensinar os methodos mais convenientes para estabelecer e dirigir os prados, a fim de poder tirar delles o maior proveito possivel. Os melhoramentos que podem introduzir-se no nosso paiz neste ramo de cultura são incalculaveis. E' principalmente neste objecto que os nossos cultivadores devem seguir os exemplos dos seus vizinhos mais entendidos, e adoptar os conselhos dos homens esclarecidos ueste genero de cultura, que faz por si só a riqueza de muitos paizes.

856.º Os prados dividem-se em *naturaes*, cuja herva ou forragem nasce, cresce, ou se reproduz espontaneamente, e em *artificiaes* cuja forragem resulta da sementeira mais ou menos vezes repetida de varias plantas pratenses. Estes ultimos subdividem-se em *prados de rotação*, e *perennes*: os primeiros fazem parte do giro ou da rotação das culturas, que se adoptaram; os segundos são permanentes e duram um numero indeterminado de annos. Estes ultimos vão-se tornando cada vez mais raros, porque está demonstrado que os terrenos onde taes prados permaneceram adquirem uma grande energia productiva, que convem aproveitar consagrando-os a successivas culturas, podendo nova e subsequentemente ser dedicados ás *pratenses*.

857.º Para que um prado natural ou artificial seja rendoso é mister que tenha sido estabelecido n'um terreno humoso e fresco; porque a agoa e o humus são os dois mais poderosos elementos da força nutritiva do solo, e indispensaveis á prosperidade da maior parte dos prados. As terras por tanto mais apropriadas á cultura dos prados são os valles humidos e de bom fundo, as bordas das ribeiras e dos rios, e as varzeas expostas a frequentes inundações. — E quantos terrenos desta natureza existem em Portugal inteiramente desprezados, ao passo que se aproveitam logo proximo delles terras fracas e estereis na cultura do centeio e de outras gramineas? Quando se atravessam muitas das nossas provincias faz na verdade pena vêr abandonados tantos terrenos, e perdidas tantas agoas, quando todas, n'um paiz dellas escasso, naturalmente calido e arido, deveriam ser empregadas na irrigação das terras; por maneira que, a ser possível, as nossas ribeiras e os nossos rios não despejassem nem uma só gota no oceano.

858.º Os nossos agricultores entendem que todos os terrenos que podem produzir trigo, centeio, ou cevada não devem ser roubados a esta cultura que reputam a mais productiva de todas. Mas é um engano, porque muitos desses terrenos quasi de todo esgotados por uma cultivacão continua e identica, seriam duas ou tres vezes mais rendosos se fossem dedicados á *praticultura*, que os tornaria aliás mais fecundos e muito mais proprios para serem novamente submetidos á cultura daquelles cereaes. Outros pensam que o nosso paiz não se presta senão muito forçadamente ás culturas pratenses; e com quanto seja verdade que os paizes septentrionaes da Europa são mais azados para ellas, todavia não deixa de haver nas diversas provincias do reino muitas terras adequadas á *praticultura*; e até nós acreditamos que quando os terrenos forem frescos ou de regadio apresenta o nosso paiz neste ponto grandes vantagens sobre os do norte, como o provam os *luzernaes* e os *lameiros* que começam a generalisar-se; assim como o que acontece em algumas provincias de Hespanha, na Italia, e particularmente na Lombardia onde os prados prosperam admiravelmente.

859.º Fôra muito conveniente que os nossos agricultores se persuadissem que quem *cultiva terras deve crear gados* para poder tirar todos os possíveis proveitos da sua profissão. São os gados que fazem a abundancia da casa do lavrador, são elles que lhe fornecem a força de tracção que faz funcionar as suas maquinas, os estrumes para adubar os terrenos, as carnes, os lacticiños, as lãs, e um grande numero de outros objectos uteis. Nos seus apuros é ainda aos gados que o lavrador recorre para obter algum dinheiro, &c. Ora, é preciso cultivar os prados artificiaes para ser creador de gados, ainda que não fosse se não para os alimentar e recolher nos curraes durante a má estação que produz sempre, como se sabe, uma

grande mortandade nos rebanhos em consequencia do frio e da fome a que então são condemnados; e isto sem contar o inconveniente do abastardeamento das raças, consequencia infallivel da má alimentacão que então experimentam.

860.º O cultivador laborioso deve dar aos seus prados todos os cuidados necessarios. Deve destruir as máservas, deve gradal-os antes da primavera, deve semear os logares vasioes, deve estrumar-os quando fór necessario, e deve finalmente regal-os ou pelo systema da *irrigação por infiltração*, ou da *irrigação por submersão*, de que fallaremos em outro lugar.

861.º Os prados naturaes podem ser muito melhorados semeando-se nelles algumas plantas pratenses proprias do terreno; e convem mesmo que de tempos a tempos o prado seja roto e regenerado com aquellas plantas. As mais apropriadas para este fim são aquellas especies de gramineas e trevaceas que espontaneamente nascerem no prado. Destas as que mais se recommendam são as seguintes: 1.ª o feno de cheiro ordinario (*anthoxanthum odoratum* L), 2.ª a junça de cheiro (*cyperus longus* L), 3.ª a junça nutritiva (*cyperus esculentus* L), 4.ª a poa pratense (*poa pratensis* L), 5.ª a festuca ovina (*festuca ovina* L), 6.ª o fromental (*avena elatior* L), 7.ª aveia amarellada (*avena flavescens* L) o azevem ou herva de semente (*Lolium perenne* L), 8.ª o trevo commum (*trifolium pratense* L), 9.ª o meliloto (*trifolium melilotus* L) &c.

862.º As plantas *pratenses* podem dividir-se em tres secções; pratenses leguminosas, pratenses gramineas, e pratenses de familias diversas.

863.º *Cultura das pratenses leguminosas.* A cultura destas plantas (que são caracterisadas quasi sempre por flores papilionaceas semelhantes a uma borboleta ao levantar do voo, e por fructos em fórma de vagem) procura ao cultivador as seguintes vantagens:

1.ª A sua forragem é um alimento nutritivo agradável, e que produz muito leite.

2.ª Melhora consideravelmente os terrenos, porque nutrido-se principalmente da atmospheria, lhes comunica muito acido carbonico.

3.ª Com prados de leguminosas podem-se prescindir dos prados naturaes, e submeter os gados a estabulacão.

4.ª Finalmente a rica folhagem destas plantas projectando muita sombra impede a evaporação do solo, e o crescimento das máservas.

864.º As principaes plantas da familia das leguminosas que se cultivam nos prados, são a *luzerna*, o *trevo*, o *esparceto*, e o *meliloto*.

865.º *Cultura da luzerna (medicago sativa* L). As vantagens desta planta, a mais productiva de todas as que se empregam nos prados artificiaes, são hoje geralmente conhecidas. Ella apraz-se principalmente em terr de fundo pingue bem dividida e estrumada no anno que preceder a sementeira. Não deixa porém de

prosperar em qualquer terreno com tanto que seja humido e profundo.

José Maria Grande.  
(Continua).

### O MONTE PIO GERAL.

Com esta denominação de *Monte Pio Geral*, existe em Lisboa uma associação, que é em verdade digna do maior louvor, pelo acerto com que tem sabido dirigir-se; em attenção ao fim salutar para que foi instituída: fim que consiste em assegurar ás famílias de cada socio, depois de terminada a existencia, o pão de cada dia.

Tivemos occasião de assistir a uma das reuniões d'esta Sociedade, em que o Presidente da sua direcção, o Sr. Spinola Castel-Branco, lente da escola Polytechnica, lêo o relatorio da gerencia, relativa ao anno de 1848; e tivemos grande satisfação em notar o nobre orgulho do digno Presidente, quando declarou, que os encargos da Sociedade tinham sido todos cumpridos integralmente, e as pensões legadas pelos socios fallecidos pagas constantemente em dia, e em metal sonante. E com effeito nas contas apresentadas á sociedade, e que hoje correm impressas, vemos demonstrada aquella verdade; a somma das pensões pagas no anno findo de 1848 foi de 1:379,985 réis; e depois dellas satisfeitas ainda ficou no cofre um saldo de 1:025,620 réis, que segundo os estatutos passa a augmentar o capital para o anno seguinte.

Uma associação d'esta natureza que admite no seu seio todas as pessoas, de qualquer classe ou profissão, e em que o socio na falta de herdeiros forçados, isto é, mulher, filhos solteiros, mãe viuva ou pai descrepito, pode legar a pensão a que tiver adquirido direito, a quem bem lhe aprouver, deve merecer a simpatia de todo o homem moralisado. Oxalá que todos comprehendessem bem o seu dever para com aquellas pessoas que tem jus aos seus beneficios; porque de certo lançariam mão deste meio decente para livrarem as suas famílias da miseria, e muitas vezes, das suas funestas e horriveis consequencias.

Felicitemos a philantropica sociedade pelo bom resultado da sua administração; e recommendamo-la especialmente a todo o chefe de familia, sem receio de que se arrependa de n'ella ter deposto confiadamente os interesses futuros dos seus: Sociedade que conta mais de oito annos de existencia, e que depois de atravessar por entre as tempestades financeiras que tem atormentado a nossa Patria, se apresenta tão prospera, como acabamos de mostrar, que está o Monte Pio geral; não precisa de louvôres, nem carece de defeza. Nas suas contas está o seu melhor elogio, na sua moralidade a segurança do futuro mais esperancosa.

### PROTECÇÃO E LIBERDADE.

#### I.

OS DOIS PRINCIPIOS — HISTORIA DO SYSTEMA PROTECTOR — DEFINIÇÕES DE COBDEN — COMPARAÇÃO DO SYSTEMA PROTECTOR E DO FEUDAL.

Dois principios oppostos luctam no campo da economia politica; um que tem por base a restricção, outro que se funda na liberdade. Estes dois principios, semelhantes aos que servem de bandeira aos grandes partidos que dividem a Europa politica, combatem em todos os paizes simultaneamente; um apoiado pelas tradições, pelos homens dos privilegios, e por sofismas que se escondem no manto brilhante de um falso amor de nacionalidade; o outro, repellido pelo interesse pessoal das classes abastadas, apoia-se na sinceridade dos principios, na pureza das intenções, no amor philantropico da humanidade.

Os antigos desconheciam o chamado systema protector; na idade media, era este falso systema igualmente ignorado. Existiam absurdos regulamentos para encaminhar a industria, no commercio de então podia reconhecer-se que o roubo era um principio politico, a guerra uma necessidade social; porém do systema hoje praticado por nações, que se dizem illustradas, e que consiste em sobrecarregar as mercadorias estrangeiras no acto da importação com direitos destinados, não a enriquecer o thesouro, mas a sustentar, contra as conveniencias dos consumidores, industriaes *similares*, nem signaes existiam nessas eras. As fabricas de lanificios de Florença e de Milão, nasceram e prosperaram sem protecção; o mesmo succedeu ás manufacturas de veludo de Genova, e ás industrias de vidros, e de sedas de Veneza. O systema protector só começa a apparecer no periodo da decadencia de cada povo da Europa.

Com a descoberta do Novo-Mundo, e o efêmero esplendor da Hespanha nasceu a idéa falsa de que o ouro e os metaes preciosos eram a verdadeira, a unica riqueza. Todas as nações ambicionaram a posse de thesouros desta natureza, e pozeram em pratica todos os meios para os obter: augmentar a exportação de mercadorias nacionaes, e impedir o mais possivel as importações, a fim de fazer affluir ao paiz o numerario estrangeiro, foi o pensamento constante dos governos; todos desejavam que a *balança do commercio* lhes fosse favoravel. Para se alcançar este resultado, as mercadorias estrangeiras foram gravadas de um imposto enorme nas alfandegas; e daqui nasceu uma excitação para as industrias internas, que, não sendo produzida pelas condições naturaes e proprias de cada paiz, devia dar, e está dando hoje em resultado um grande transtorno economico.

Foi assim que nasceu o systema denominado protector, ou prohibitivo.

O systema proteccionista no seu começo foi muito mais logico, do que é no nosso tempo. A *protecção* de Colbert, e mesmo em parte a do Marquez de Pombal, não consistia só em pôr as fabricas nacionaes ao abrigo da concorrência das fabricas estrangeiras, sacrificando assim a grande massa dos consumidores á limitada classe dos productores, sem lhes dar nenhuma garantia nem os guardar de abusos perigosos; a *protecção* era acompanhada nesse tempo do ensino industrial, de regulamentos severos que obrigavam os fabricantes a caminhar sempre na estrada da industria, e de uma legislação geral que harmonisava tudo no paiz.

Actualmente em Portugal ainda muitos homens teem para si que os metaes são uma riqueza verdadeira, a unica riqueza; muitos ignoram que o trabalho, e só o trabalho é que faz prosperar as nações; ainda ha quem se atente ao vêr sahir pela barra fóra um sacco de ouro, e fique convencido de que nesse dia a sua patria ficou mais pobre; ha quem faça votos para que a *balança do commercio* nos seja favoravel: porém o que não ha já, é quem deseje que o governo lhe venha ensinar a trabalhar na sua fabrica ou na sua officina, e o obrigue a empregar um processo em vez de outro na sua arte. O fim da *protecção* é diferente daquelle que no principio a fez adoptar pelos governos e abraçar pelos povos: este systema pôde definir-se como Cobden o definiu *um systema estabelecido com o fim de dar aos productores meio de venderem caro productos de inferior qualidade, prohibindo a entrada dos artigos mais baratos, ou superiores em qualidade, que podessem vir de fóra.*

O principio que se oppõe á *protecção*, o principio da liberdade é, como tudo que é verdadeiro, logico, puro, define-se mais facilmente, e defende-se tambem melhor. «A liberdade das trocas é apenas o reconhecimento do direito que todos os homens teem de trocar entre si os productos do seu trabalho, da sua intelligencia, dos seus capitaes.» A liberdade repelle a injustiça flagrante que o systema opposto defende: fulmina como um attentado ás leis naturaes a arbitrariedade com que se quer, por meio das alfandegas, crear direitos em favor de classes privilegiadas, á custa do grande numero dos consummidores, que são toda a gente, que são a nação inteira.

Esta lucta economica é em tudo semelhante á velha lucta politica. Nesse tempo como agora havia de um lado uma classe privilegiada, e da outra a nação: o *Tiers Etat* que Sieyès caracterisava chamando-lhe a França, é hoje representado pela massa immensa dos consummidores.

A conquista, a força das armas, o poder de raça, e uma legislação absurda, tinham creado na idade media o systema feudal n'uma parte da Europa, e direitos senhoriaes em outra parte; os restos dessa ve-

lha organização é que davam o poder á classe nobre, quando se travou a lucta entre ella e o povo. Hoje o engrandecimento das fabricas, a applicação das machinas, o poder dos capitaes, e a união pelo interesse dos empresarios das grandes industrias, deu lugar a formar-se uma outra classe grande e poderosa que péza sobre a sociedade pelo actual systema industrial; que tem, como é facil provar, muitas analogias com o antigo systema feudal. Ambos os systemas caminham para um unico fim: sugar o sangue e a substancia dos que trabalham, dos que produzem.

O systema feudal era um immenso tecido de desigualdades, e de fórmulas de exacção, que tomavam os nomes mais extraordinarios; que ora eram geraes ora particulares, ora se referiam a uma ora a outra classe. O regimen protector não é tão complicado, mas é igualmente injusto, e o numero das suas fórmulas consideravel. O regimen exerce-se pela *prohibição d'entrada*, que fecha totalmente a entrada a certos productos; pelo *direito protector de entrada*, que sobrecarrega com um imposto elevado a entrada de productos, com o fim de facilitar a venda dos productos semelhantes nacionaes; pela *prohibição de saída* que impede a exportação das materias primas; pelo *direito de saída*, &c. &c.

Os privilegios, seja qual fóra a sua natureza, não podem ser uteis aos individuos a quem são dados sem causarem prejuizos a outros individuos: os privilegios feudaes quando favoreciam a nobreza, prejudicavam o clero; quando enriqueciam o alto clero diminuam os rendimentos do clero inferior, e assim por diante: —o povo; esse padecia sempre—para diminuir os inconvenientes desta oppressão mutua, opponham-se privilegios a privilegios, isenções a isenções. No systema da *protecção* acontece um phenomeno semelhante; existe um combate tambem de privilegios. Os direitos que protegem o productor de materias primas, atacam directamente os interesses do fabricante; a *prohibição* que guarda a industria mal segura do manufactor, pesa immediatamente sobre o agricultor. E por isso á *protecção* se oppõe a *protecção*, a um privilegio outro privilegio.

## II.

ESPIRITO DOS PROHIBICIONISTAS — ARGUMENTOS EM FAVOR DA  
PROTECÇÃO — REFUTAÇÃO DESSES ARGUMENTOS.

Os principios da *protecção*, — isto é, o systema que consiste em dar aos productores o privilegio de sacrificarem os consummidores aos seus interesses, assegurando-lhe por direitos impostos nas mercadorias estrangeiras a posse absoluta do mercado nacional — esses principios, que privam um grande numero de pessoas de satisfazer cabalmente as suas necessidades mais urgentes, acham hoje defensores só entre os homens dominados de um prejuizo fatal, e aquelles que o interesse proprio inspira.

Todos os interesses que receiam ser derrotados, todas as classes privilegiadas que veem aproximar a hora em que os seus privilegios hão-de acabar, combatem com furor, luctam com vehemencia, não hesitam em lançar mão de todas as armas. O partido dos *proteccionistas* está actualmente por toda a Europa unido em serradas falanges, prompto para a peleija; mas em toda a parte a *verdade* tem ficado com a victoria, os principios de liberdade tem subjugado os maiores politicos da Inglaterra, os homens mais instruidos da Alemanha e da França.

Em todas as nações os homens do systema prohibitivo se arrogam o monopolio do amor da patria. Só elles é que dezejam os progressos da industria nacional, só elles é que a defendem; para guardar os *interesses da nação*, — é assim que elles chamam os proprios interesses — os ardentes campeões da protecção querem fechar cada paiz n'uma linha de alfandegas; para evitar assim a terrivel *invasão* dos productos estrangeiros.

Os principios desses homens, levados ás suas consequencias extremas, provam que um povo para ser feliz deve viver só com os seus recursos; fabricar tudo, produzir tudo, não precisar do trabalho dos outros povos. — Uma nação que habitasse, no meio do oceano, uma ilha incommunicavel, seria a nação ideal dos proteccionistas; a nação ditosa por excellencia.

E' verdade que os mais illustres defensores do velho systema não ousam afrontar as ultimas consequencias dos seus proprios principios: recuam diante do absurdo, e transigem por favor com a verdade.

Os proteccionistas, — sempre por amor da patria, — procuram aterrar os povos com a idéa de uma invasão de productos estrangeiros, que inundasse o mercado, e matasse pela concorrência a industria nacional. Os inglezes são os nossos mais cruéis inimigos, porque nos offerecem algodões baratos; os suecos um povo de barbaros, porque nos querem vender o seu ferro; os castelhanos, rivaes de antigas eras que só pensam em consummar a nossa ruina mandando-nos os seus veludos e os productos das suas culturas; pela opinião dos proteccionistas devemos estar armados contra essas nações adversas que nos querem dar os objectos necessarios á vida por preço inferior áquelle porque nós os podemos alcançar pelos nossos proprios meios.

E julgarão por ventura os amigos dos *direitos protectores*, que os estrangeiros nos hão-de dar as suas fazendas de graça? Creem que não hão-de levar productos nossos em troca dos seus productos? — Levamos o nosso ouro, dizem elles. — Se nós tivéssemos minas para explorar, como tinhamos n'outro tempo, de certo que o levavam; e não nos havia de fazer falta (em nos ficando numerario sufficiente para a nossa circulação; e esse pela necessidade das cousas nos havia de ficar, não precisavamos de mais): mas no estado em que hoje nos achamos, como Portugal não

é uma California, o que os estrangeiros nos podem levar — são productos; são os nossos vinhos, as nossas fructas &c. A liberdade de commercio na sua accepção mais lata, augmentando a quantidade dos objectos importados, necessariamente havia de fazer crescer a dos objectos exportados; isto é, havia de fazer prosperar as industrias que nos são proprias, as industrias agricolas, que são aquellas para que a natureza nos destinou.

Receiarão por ventura os proteccionistas que um povo inteiro se deixe dormir ao sol, não trabalhe, não cultive, não commerceie, e vá, como um perdulario extravagante e mandrião, entregando pouco a pouco toda a sua propriedade ao estrangeiro, a troco do pão de cada dia, até se deixar conquistar porfim? Não fazemos a ninguem a injustiça de suppôr que pode conceber um absurdo tão monstruoso. — Dae a este povo um bom systema administrativo, dae-lhe vias de comunicação, facilitae-lhe o commercio com os povos estrangeiros por meio da liberdade, e vello-heis trabalhar; criar gados para vender á Inglaterra — como começa a fazer já apesar de todas as difficuldades — cultivar as amoreiras e producir a sêda; aperfeiçoar os vinhos; fabricar azeite puro para exportar, em vez do azeite rançoso que tem; applicar-se á horticultura, á floricultura, á arboricultura, tornando-se para assim dizer a horta, o jardim, o pomar da Inglaterra, que tanta carece e tão grande consummo faz de objectos desta natureza. Animae o commercio, facilitae as exportações, aceitando sem difficuldades absurdas os productos estrangeiros, e fareis de Portugal um jardim encantador. — E isto não são illusões, não se podem considerar sonhos fantasticos. São cousas realisaveis, simples, comprehensíveis para todos, incontestaveis.

Portugal é um paiz que goza quasi de uma primavera constante, cortado por muitos rios, que são thesouros. Thesouros que nós deixamos estupidamente perder no oceano.

Entremos porém no campo dos proteccionistas, e sigamos socegradamente os principaes argumentos de que elles se servem para defender a sua theoria.

João de Andrade Corvo.

(Continua.)

## O TEMPO É RIQUEZA.

*Time is money*; dizem os inglezes, os maiores apreciadores do tempo que ha no mundo. *O tempo é dinheiro*, e o grande fim da industria e das sciencias hoje é aproveitar esta preciosa riqueza, que vale mais do que as minas da California.

A medicina, pelos seus successivos aperfeiçoamentos, pelas suas importantes descobertas, tem sabido prolongar a vida media do homem; o homem hoje

vive mais tempo e melhor do que nos seculos que passaram. Ha sessenta annos, por cada milhão de pessoas da idade de quinze a sessenta annos, morriam 493,721 pessoas moças, hoje morrem 425,702: nesta mesma epoca, e em relação ao mesmo numero de pessoas, só 88,108 velhos passavam além dos sessenta e cinco annos, hoje este numero sobe a 130,241. As artes tem sabido prolongar a vida intellectual dos individuos; antigamente o homem estudioso só podia trabalhar até aos cincoenta annos; depois da invenção dos oculos, e do aperfeiçoamento dos candieiros, um homem póde estudar até ao fim da vida.

A industria multiplica, para assim dizer, o homem. O que n'outro tempo, antes da invenção das *machinas de fição*, faziam 40,000 fiandeiras n'um dia, fazem hoje apenas 150 homens no mesmo tempo. As viagens que dantes levavam annos, hoje contam-se aos dias: as noticias, as correspondencias que gastavam semanas para chegarem de um ponto a outro, voam agora em segundos nas azas da electricidade.

Acaba de ser apresentada na academia das sciencias de Pariz uma machina, que faz sommas, subtracções, multiplicações, e divisões, isto é, as quatro operações arithmeticas, com uma rapidez e exactidão extraordinarias. — Os guarda-livros, e os astrónomos ficam por este modo dispensados de pensar nas suas contas e nos seus calculos.

O que ha porém de mais notavel modernamente na historia da industria, é a invenção de M. Applegath. Este mecanico acaba de fazer um aperfeiçoamento ao *prelo mecanico*, pelo qual se torna possivel a tiragem de 200,000 exemplares de um jornal como o *Times*, no espaço de 24 horas.

Até aqui o *Times*, — jornal inglez colossal, que todos conhecem, — era impresso em *prelos mecanicos* compostos de cilindros, por baixo dos quaes passava a fôrma n'um movimento de vae-vem horizontal. O papel era puxado para os cilindros por uns cordões habilmente dispostos para esse fim. Com esta machina imprimiam-se, o mais, 5,000 exemplares por hora. Na nova machina, o typo acha-se disposto de um modo engenhoso sobre um cilindro vertical, adopta-se á fôrma da superficie cilindrica, sendo sustentado nesta posição pelas linhas divisorias das columnas, que são cortadas em cunha, e sustentam a letra como se foram feixos de abobadas. Em roda deste cilindro acham-se dispostos, tambem verticalmente, oito cilindros menores, que são destinados a fazer passar as folhas de papel sobre o typo, e praticar assim a sua impressão. As folhas de papel são introduzidas pela parte superior por oito homens collocados n'uma galaria, e sahem pela parte de baixo da machina, onde são recebidas por outros oito individuos, já nitidamente impressas. Esta viagem das folhas faz-se no espaço de quatro segundos.

E' assim que lá fóra se avalia o tempo e se apro-

veita. — Entre nós, viaja-se n'um carro por cima de penedos, fia-se na róca, emprega-se a vela de cebo e o candieiro classico de tres bicos, existem telegraphos de páu, conta-se pelos dedos, e imprime-se em prelos de mão n'um papel pardo pago a pezo de ouro.

Mas conservam-se os uzos dos nossos maiores, — uzos mãos só, — e falla-se muito, em muita cousa que não tem nem signal de senso commum.

João d'Andrade Corvo.

NOTICIAS.

FUNDOS PUBLICOS.

Em 24 de Fevereiro.

PRAÇA DE LISBOA.

No dia 17 de Fevereiro o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa . . . . .	28040	28010
Tres operações . . . . .	24	26
Inscrições de 5 por cento . . . . .	48	49
Ditas de 4 por cento . . . . .	40	40
Papel-moeda . . . . .	11	12 m. f.
Titulos antigos (azues) . . . . .	6	8
Escriptos para as alfandegas . . . . .	88	90
Na 6.ª parte . . . . .	84	85
Acções do Banco de Portugal . . . . .	4658000	4708000
Ditas das Lezírias . . . . .	3458000	3508000
Ditas — Seguro Firmeza . . . . .	3508000	3558000
Ditas — Fidelidade . . . . .	248000	258000
Ditas — Omnibus . . . . .	708000	758000
Ditas — Pescarias . . . . .	278000	288000
Ditas — Vapores do Têjo . . . . .	248000	258000
Ditas — União Commercial . . . . .	568000	588000
Ditas — Fiação e Tecidos . . . . .	708000	728000
Ditas — Valla d'Azambuja . . . . .	1008000	por acção.
Confiança Nacional . . . . .	3958000	4008000
Obras Publicas . . . . .		3 a 3 1/4 por c.

ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 9 a 15 de Fevereiro de 1849.

	Trigo		Cevada		Milho		Cevada	
	moios	alq.ª	moios	alq.ª	moios	alq.ª	moios	alq.ª
Entrada . . . . .	352	12	42	50	3	12	—	9
Despacho . . . . .	657	31	38	9	44	39	1	53
Existencia . . . . .	7253	55	2001	1	736	47	130	13
Preços . . . . .	340 a 540		220 a 240		300 a 340		220 a 300	

CAMBIOS EM LISBOA.

Em 16 de Fevereiro.

	Cambios	Cotado	Dinheiro	Papel	Effectuaço
Londres 30 d. v. . . . .	52	5 oit.	—	—	52

» 60 d. v. . . . .	52	—	—	52	7 oit
» 90 d. v. . . . .	52	—	—	52	
Pariz 100 d. d. . . . .	532	—	—	532	
» 3 d. v. . . . .	538	—	—	538	
Hamburgo 3 m. d. . . . .	48	—	—	48	
Amsterdã . . . dito . . .	42	—	—	42	
Genova . . . . . dito . . .	526	—	—	—	
Vienna . . . . . dito . . .	400	—	—	—	
Trieste . . . . . dito . . .	400	—	—	—	
Liorne . . . . . dito . . .	142	—	—	—	
Napoles . . . . . dito . . .	750	—	—	—	
Madrid 15 d. v. . . . .	920	—	—	—	
Cadiz 15 d. v. . . . .	920	—	—	—	
Porto 8 d. v. . . . .	1 p. c.	—	—	—	

## METAES.

	Compra	Venda
Peças de 8\$000 . . . . .	7\$980	8\$000
Oncas hespanholas . . . . .	14\$570	14\$600
Soberanos . . . . .	4\$490	4\$500
Ouro cerceado . . . . .	1\$940	1\$970
Dito em barra . . . . .	25	26
Patacas hespanholas . . . . .	920	923
Ditas brasileiras . . . . .	920	923
Ditas mexicanas . . . . .	920	923
Prata em barra . . . . .	28	—

## GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

OBRA EM DOIS VOLUMES EM 8.º COM ESTAMPAS

PELO DR.

JOSÉ MARIA GRANDE

*Lente de Botânica e Agricultura na Escola Polytechnica, e Membro de varias sociedades litterarias e scientificas tanto nacionaes como estrangeiras.*

Vai publicar-se esta obra elementar de agricultura theorica e pratica, onde os nossos cultivadores poderão encontrar as noções mais essenciaes desta sciencia expendidas em linguagem intelligivel e clara. O auctor propoz-se principalmente na composição desta obra ser util á classe agricola; e considerar-se-ha feliz se chegar a conseguil-o. O primeiro volume, cuja impressão se está concluindo, contém as duas primeiras partes da obra, a saber — *organisação e vida das plantas* — e *elementos de agricultura*: O segundo deve conter as restantes, isto é — *elementos de horticultura e arboricultura* — *principios de economia rural* — *principios de veterinaria* — e *preceitos e maximas do agricultor*.

No primeiro volume além das noções de *anatomia e physiologia vegetal* mais essenciaes ao cultivador, tratam-se as seguintes materias:

## Clima e sua influencia na agricultura.

Acção chimica, mechanica, e meteorologica da atmosphera, e sua influencia na agricultura.

Situação, latitude, elevação, e exposição do solo. Inclinação e abrigos. Signaes para prever as mudanças de tempo.

Natureza e propriedades do solo. Composição, analyse e energia productiva das diversas especies de terrenos. *Subsolo e suas propriedades*.

*Aubos*. Correctivos. Estimulantes. Estrumes vegetaes. Animaes. Vegeto-animaes e compostos. Theoria destes diversos agentes.

*Agricultura nomada e pastoril*. *Pousios*. *Afolhamentos*. Theoria e pratica dos afolhamentos.

*Operações geraes de cultura*. Lavouras. Sementearas. Colheitas.

*Machinas e instrumentos aratorios*. Arado. Charrua. Grade. Estirpador. Rolo. Enxada de cavallo. Sementeiro. Trilho, &c.

*Culturas especies*. Cultura dos cereaes. Cultura das plantas pratenses. Cultura das plantas leguminosas de sementes farinaceas. Cultura das plantas de raizes carnosas.

O preço da obra está calculado mais no intuito de generalisal-a do que de colher interesses pecuniarios.

Cada volume que ha-de conter para cima de 300 paginas, custará aos Srs. assignantes 600 réis, que serão satisfeitos no acto da sua entrega. Avulso custará cada volume 720 réis.

Os Srs. que quizerem assignar poderão fazel-o ou mandal-o fazer em Lisboa no escriptorio da Epoca, ou em casa dos Srs. Bertrands com loja de livros ao Chiado. Os Srs. das provincias poderão inscrever-se nos *prospectos*, que serão enviados para as capitães dos districtos e terras notaveis do reino.

## AVISO.

Por motivos de redacção não é possivel dar estampas neste numero, e em alguns dos numeros seguintes; prometemos aos nossos assignantes indemnisal-os desta falta.

Este Jornal publica-se todas as semanas.

Assigna-se e vende-se nas lojas de Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; na de Lavado n.º 8; na de Arcejas n.º 85; na de Verol n.º 182; na de Carvalho, ao Chiado n.º 2.

## Preços das assignaturas.

Por um anno . . . . .	2\$880 réis.
Por seis mezes . . . . .	1\$440 réis.
Por tres . . . . .	720 réis.
Avulso . . . . .	70 réis.